

Título: Curiosidades cariocas... O dia em que o revólver de Roberto Marinho mirou Carlos Lacerda

Data: 24/02/2021 13:25:00 **Veículo:** Rio que mora no mar **Página:** Online

Canal: Escola de Artes Visuais do Parque Lage

Centimetragem: 58,31 **Valor:** R\$ 8.210,23 **Page Views:** 11.856 **Visitantes:** 7.114

Curiosidades cariocas... O dia em que o revólver de Roberto Marinho mirou Carlos Lacerda
Rio que mora no mar - 24/02/2021

A briga entre Roberto Marinho e Carlos Lacerda nos anos 60 teve origem em uma polêmica envolvendo o **Parque Lage**, no Rio de Janeiro.

Roberto Marinho e Arnon de Mello - um adendo: pai do Collor - compraram o **Parque Lage** nos anos 50 por um preço muito módico, pois o imóvel era tombado.

Aqui cabe um pequeno histórico...

Os problemas enfrentados por Gabriela Besanzoni, proprietária do **Parque Lage**, tiveram início com o falecimento de seu marido, o armador Henrique Lage. Henrique Lage havia deixado dívidas com a União e apesar de ter entregue várias propriedades e sua frota de navios ao governo federal, o Presidente Getúlio Vargas, que alegava suposta ajuda dada por Besanzoni ao eixo inimigo durante a Segunda Guerra Mundial, encampou todos os seus bens, inclusive o **Parque Lage**.

Com a queda de Vargas, Besanzoni e outros herdeiros dos sócios de Lage conseguiram junto à União reavaliação dos bens confiscados, resultando na devolução do **Parque Lage**, entre outros bens, à família. Contrariada com esse desgastante episódio, Besanzoni retornou à Itália e, em 1945, despedindo-se da carreira artística com uma última atuação em público no Brasil no Teatro Municipal de São Paulo. Ela faleceu em Roma, sua cidade natal, em 1962.

Com sua morte, o espólio vendeu sua parte à empresa Comércio e Indústria Mauá, que já havia adquirido parte das terras do Banco do Brasil. Porém, desde 1957, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) - então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) - havia tombado a área. A Mauá, depois São Marcos Comércio e Indústria de Materiais de Construção, de propriedade do empresário Roberto Marinho e do então senador Arnon de Melo conseguiu a anulação do tombamento, feito pelo Presidente da República em exercício Ranieri Mazzilli, durante viagem ao exterior do Presidente Juscelino Kubitschek. Antes disso, o governador provisório da Guanabara, embaixador Sette Câmara, havia desapropriado o **Parque Lage** para tentar evitar a anulação do tombamento; mas essa desapropriação também foi anulada. No local, a empresa pretendia construir um cemitério "classe A", mas, em 1964, reformulou o projeto, e construía casas para as classes média e alta. Aí o governador da Guanabara, Carlos Lacerda, declarou o Parque de utilidade pública para fins de desapropriação, reafirmando o tombamento feito pelo SPHAN por solicitação do Instituto Florestal (atual IBAMA), começando uma disputa que só iria terminar onze anos depois, quando o Presidente Ernesto Geisel desapropriou o parque, não sem antes provocar o rompimento de Carlos Lacerda com Roberto Marinho e com o Presidente Castello Branco.

O abandono do terreno e sua progressiva invasão suscitou até um pedido da Associação de Moradores da Lagoa em 1961.

Lacerda pediu a Raphael de Almeida Magalhães, seu vice, que escrevesse o decreto de desapropriação, enquanto ele redigiria a exposição de motivos que acompanharia o decreto.

O texto que Lacerda produziu assustava pela virulência com que atacava a pessoa de Roberto Marinho. Raphael tentou demovê-lo da ideia de anexar o texto ao ato de desapropriação, pois não só contrariaria os interesses de Marinho como o faria voltar contra ele a fúria das baterias de seu jornal e da sua rádio.

Como não conseguiu convencê-lo, o decreto foi encaminhado com o anexo, o que provocou a ira de Marinho. Marinho contou aos filhos que pegou um revólver, pôs na cintura e partiu para o apartamento de Lacerda na Praia do Flamengo. Chegou a entrar no apartamento de Lacerda com o revólver engatilhado. Mas o governador da Guanabara acabara de sair de casa.

Assim, a propriedade foi desapropriada e convertida em um parque público.

A contrariedade com seus propósitos e negócios fez a mudança editorial, notória, do jornal O Globo em relação a Lacerda, após esse episódio.

A SOCIEDADE DOS AMIGOS DA LAGOA E O PARQUE HENRIQUE LAGE
Um Terreno Abandonado, Refúgio de Marginais, Vai Transformar-se Numa Das Maiores Atrações da Cidade

A SOCIEDADE dos Amigos da Lagoa por seu Presidente, Sr. Luiz J. Cabral, de Menezes, dirigiu ao Governador Carlos Lacerda o seguinte ofício: "Senhor Governador: A Sociedade dos Amigos da Lagoa, como Vossa Excelência deve ignorar, não tem nenhuma esperança no sentido de defender um dos mais belos recantos desta cidade. Em inúmeros casos foi esta Sociedade que, agindo prontamente junto às autoridades, ou oferecendo denúncia através dos jornais, conseguiu evitar verdadeiros atentados naquele bairro, a serem perpetrados pela ganância ou por pessoas bem intencionadas, mas que não meditariam suficientemente sobre os graves inconvenientes dos seus projetos. Animada desse espírito de permanente vigilância, teve a S.A.L. a sua atenção despertada por vários projetos elaborados para o Parque Henrique Lage, que foi outrora um dos mais belos parques particularizados da Cidade. Dizemos outrora, porque hoje está completamente abandonado, tomado pelo mato, as suas plantas raras destruídas ou desaparecidas, e até as suas alamedas de paralelepípedos completamente cobertas pelo capim, tornando impossível o trânsito mesmo de pedestres. O abandono daquela extensa propriedade, num dos melhores locais da Zona Sul, constitui, ademais, uma ameaça à tranqüilidade e à segurança dos moradores das ruas vizinhas, pois ali se ocultam, como é notório, malfeteiros, que, principalmente à noite, dão as surras para as suas reuniões e atividades criminosas. Existe também o risco iminente da transformação daquele Parque em malhada à Cidade, para uso do público, que a uma favela da Cidade, sendo de notar que ele anteriormente jamais tivera acesso. É, portanto, com maior ansiosidade que o fomos conhecimento da proposta aprovada, o qual livrará os moradores dos bairros da Lagoa, do Jardim Botânico e a Gávea das preocupações que decorriam da existência daquele imenso terreno abandonado e integrará na sua utilidade e que, mesmo nos seus aurosos tempos, foi apenas destinado ao uso particular e hoje é refúgio e esconderijo de malandres e marginais. Dirigimo a Vossa Excelência esta exposição porque, sem qualquer interesse particular em causa, estamos convictos de que o projeto aprovado é altamente benéfico para o bairro em que residimos e pelo qual tanto zelamos, sendo ele benéfico igualmente ao Estado da Guanabara, não só pela inclusão em seu Patrimônio, sem o menor ócio, de um valioso Parque, como pelos recursos que o empreendimento proporcionará ao erário público. Estamos certos de que Vossa Excelência, dentro de sua orientação de estimular de todos os modos o progresso e a recuperação da Cidade, haverá de estimular essa iniciativa que representa uma demonstração de confiança no futuro do Rio de Janeiro e uma prova de apreço ao interesse público, sem dúvida perfeitamente atendido pelo projeto aprovado. Sem mais, aproveitamos a oportunidade para apresentar a Vossa Excelência os nossos protestos de elevada estima e consideração. Atenciosamente, a) LUIZ J. CABRAL DE MENEZES, presidente".

(Foto:)

A transação do Parque Lage

Marinho comprou terreno em 65 para construir cemitério

O episódio da construção do Centro de Produções da TV Globo, o Projac, em Jacarepaguá, não é o primeiro que envolve o empresário Roberto Marinho em suspeitas de favorecimento nas transações com bancos oficiais e desrespeito ao meio ambiente. Se o governador da Guanabara, Carlos Lacerda, não tivesse tombado e desapropriado o Parque Lage — adquirido por Roberto Marinho e pelo senador da UDN, Arnon de Mello, numa transação com o Banco do Brasil — toda a área verde teria se transformado num loteamento de luxo ou num cemitério de crianças, como Roberto Marinho chegou a propor a Carlos Lacerda.

A denúncia foi feita pelo próprio governador Lacerda, durante a inauguração do parque, a 26 de setembro de 1965. Ao discursar para cerca de 10 mil pessoas, Lacerda acusou de irregular a negociação entre o Banco do Brasil e o empresário Roberto Marinho. A instituição bancária havia recebido os terrenos do Parque Lage em troca de dívidas e os vendeu ao proprietário do Sistema Globo em condições favorecidas, segundo Lacerda. "Eis que numa semana de Carnaval, subitamente, sem aviso público e notório, como manda a lei, o Banco do Brasil, instruído por mãos poderosas, faz um edital de encomenda, violando a Lei do Patrimônio Histórico Nacional."

Lacerda prosseguiu, lembrando que o banco "foi direto a uma sociedade imobiliária fundada por um senador da UDN, que se associou ao diretor de *O Globo*, Roberto Marinho, para usufruir os prestígios múltiplos de um grande jornal, fundado por um grande jornalista e deturpado nas mãos de um especulador".

No discurso, extraído da fita de gravação da Rádio Roquete Pinto, o governador da Guanabara prosseguiu com as acusações: "Nesta fatídica semana de Carnaval (...), este parque mudou de mãos pela módica importância de cerca de Cr\$ 300 milhões, pagos parte a Gabriela Benzazzoni (ex-proprietária) e outra parte irrisória ao Banco do Bra-



Parque Lage: o verde viraria loteamento ou cemitério

sil, com três anos de carência para pagar e muito mais para amortizar as prestações. Ao mesmo tempo, ou logo depois, o mesmo Banco do Brasil fazia ao mesmo Roberto Marinho, diretor de *O Globo*, um novo empréstimo para que ele pagasse essa propriedade ao banco, com dinheiro do próprio banco."

Lacerda lembrou que o valor do terreno foi subestimado, entre outros motivos porque se tratava de uma área tombada pela União. Mas, segundo o governador, Marinho conseguiu do presidente Juscelino Kubitschek o desfombamento da área.

Com a reação do governador à ideia de Roberto Marinho de lotear o parque, o empresário procurou outra saída. "A certa altura, solita-

rio, coagido, encostado à parede pelas potestades de *O Globo*, da Rádio Globo, do Time-Life e seus associados, Roberto Marinho — que não sabia mais o que dizer a seu sócio, o banqueiro e especulador Walter Moreira Sales — veio-me com a proposta de transformar este parque num cemitério-parque."

Lacerda revelou que o empresário foi dissuadido da ideia "pelo falecido Augusto Frederico Schmidt", que argumentou: "O diretor de *O Globo*, o filho de Irineu Marinho, o responsável por um grande jornal, até aqui respeitável, não pode transformar-se num papa-defunto, loteando terrenos para cadáveres de anjinhos porque ocupa menos espaço e se vende pelo mesmo preço."

(Foto:)